

Picasso (fragmento biográfico):

“Picasso não gosta muito de encomendas; mas, dessa vez, tem as mãos inteiramente livres. O desafio não é pequeno: mostrar que ele é mesmo o maior pintor espanhol contemporâneo, o porta-voz da Espanha republicana em luta. Fora de questão, obviamente, recorrer a uma obra já realizada e aumentá-la (ou fazer realizar esse trabalho por um artista menos célebre que ele). É preciso pintar um grande quadro que seja do grande Picasso, ao mesmo tempo que uma grande pintura de história. Houve o *Dos de Mayo* de Goya, *La liberté guidant le peuple* [A liberdade guiando o povo] de Delacroix ... É preciso pintar algo que seja igualmente forte, pessoal e pictórico. Entre cubismo e classicismo, ele é um pintor do íntimo, da sensibilidade individual, pouco voltado aos grandes temas, nunca buscando passar uma mensagem qualquer, pintando para si mesmo como se escrevesse um diário, ele gosta de dizer, não temendo ser o pintor de uma pintura autobiográfica, tecida, principalmente, por seus amores, seus prazeres e suas inquietações. Portanto, é somente dentro de si que pode buscar os sinais com que fará o quadro pedido.

Passa-se o mês de abril e Picasso ainda não começou. Tem bastante confiança em si e sabe que não é uma questão de tempo. É preciso que algo surja, é preciso que ele encontre. Procurar, isso não tem sentido, como ele gosta de dizer também, o que importa é encontrar. E ele encontrará. A atualidade, se podemos dizer, vem em seu auxílio. Ela tem o nome de Guernica. Guernica é uma cidadezinha do país basco, relativamente pacífica nesse tempo de guerra civil, embora esteja a apenas trinta quilômetros do *front*. Situada numa região ainda controlada pela *Frente Popular*, não possui grande interesse estratégico; os aviões de Franco e de seus aliados não buscaram até então bombardeá-la. Há uma fábrica que produz material militar e duas casernas, mas elas não parecem preocupar a aviação alemã, que ignora esses três alvos até 26 de abril de 1937, uma segunda-feira.

Nesse dia, no meio da tarde, quando há muita gente na rua, todos os sinos tocam para anunciar que um ataque à cidade é iminente. De fato, poucos minutos depois uma esquadrilha de aviões, que a suástica permite identificar como alemã, a sobrevoa, despejando bombas e metralhando todos os que não têm tempo de se proteger. Durante três horas outros bombardeios se sucedem, destruindo o centro da cidade e fazendo 1.654 mortos e 889 feridos. A notícia rapidamente percorre o mundo, estarrecido ante um tal massacre de civis ao qual não se pode reconhecer nenhuma justificação militar. Mais tarde se saberá que a aviação nazista serviu-se de Guernica como campo de experiência a fim de mostrar seu poderio e sua determinação, à custa de uma cidade que foi outrora a sede do Parlamento basco.

Em 30 de abril, Pablo Picasso vê fotos da cidade mártir no jornal *Le Soir*. Profundamente chocado pelas imagens dessa barbárie, ele sente enfim brotar o impulso necessário à realização da tela que em breve deve entregar. Como sempre, é a mão que precede o pensamento. Já no dia seguinte surge impetuosamente uma série de desenhos nos quais aparecem, num ambiente dos mais dramáticos, suas figuras familiares, o cavalo e o touro, acompanhadas de uma mulher portadora de luz que já fora vista em obras anteriores. Rapidamente ele passa para a tela, elaborando estudos, depois encomendando uma muito grande para o ateliê da Rue des Grands-Augustins. Devendo realizar uma decoração mural, ele precisa cobrir uma ampla superfície, e oito metros de largura não serão demais. Felizmente dispõe do espaço necessário, com a ressalva de que, não sendo o teto bastante alto, a tela terá que ficar inclinada. Mas não é isso que vai detê-lo. E pouco importa se precisa ficar de cócoras para pintar a base do quadro. O conforto nunca é um problema para ele quando a pintura o motiva... Em 11 de maio, um primeiro esboço é desenhado diretamente na tela. O quadro estará terminado em 4 de junho.

Picasso já pensou que seria interessante fotografar as diferentes etapas da criação de um quadro a fim de registrar suas metamorfoses sucessivas. Isso teria pouco interesse se ele concebesse com precisão o quadro antes de pintá-lo. Mas Picasso está sempre se aventurando a partir de uma idéia inicial, é verdade, mas que se transforma ao longo do tempo em função do movimento da

imaginação e dos problemas plásticos encontrados. Dora encarrega-se de fotografar os diferentes estados a título de documento, e é graças a ela que podemos ter urna idéia do que foi a realização dessa grande obra histórica que Picasso pintou em pouco mais de um mês e que tem o nome de *Guernica*. Curiosamente, ele, que não gosta de mostrar, nem mesmo aos amigos, o trabalho em curso no ateliê, dessa vez não hesita em fazer intervir vários participantes. Enquanto trabalha nesse quadro, e para não deixar nenhuma dúvida sobre sua posição política, redige (com a provável ajuda de Paul Éluard) urna declaração que é publicada num jornal americano e na qual afirma seu "horror à casta militar que mergulhou a Espanha num oceano de dor e de morte", que bombardeou o Prado, assassinou o poeta Federico Garcia Lorca e da qual um dos representantes, o general Millán Astray, não hesitou em bradar "Morte à inteligência!".

Guernica, audaciosamente, é um quadro em preto e branco.

Guernica é preto, escreve Jean-Louis Ferrier, como as manchetes dos jornais da época que dizem ao homem da rua, preto no branco, sua terrível verdade. É preto, cinza e branco como os filmes de atualidades e as fotos do *front* de Biscaia transmitidas por belinógrafo, de trama tão contrastada que ferem o olhar antes mesmo que se tenha identificado a imagem.¹

A composição, muito plástica, ordenada, harmoniosa, é forte, monumental, corno convinha a uma decoração mural numa tal circunstância. É claramente figurativa, violentamente expressiva, com urna intensidade dramática que vai além do fato da atualidade, mostrando o que há nele de universal e de atemporal. A cidade é apenas simbolizada numa arquitetura elementar de fundo de cenário. Nada mostra uma *Guernica* real. Não se vêem aviões, nem bombas. A única arma é urna espada quebrada, na mão de um homem caído no chão em primeiro plano, de olho ainda aberto. À esquerda, uma mãe segura um filho morto (a julgar pela maneira como sua cabeça cai para trás), berra de dor diante de um touro majestoso, tranqüilo. Do outro lado, o duplo dessa mãe ergue os braços ao céu. Diante dela, uma terceira mulher, parcialmente ajoelhada, de rosto menos atormentado, estende-se em direção à dupla luz de urna lâmpada elétrica no teto e de uma lamparina nas mãos de urna quarta figura feminina, da qual somente aparece a cabeça, enorme. No centro, um cavalo parte em direção ao fundo do quadro e se volta, relinchando. Muitos serão os que tentarão decifrar esse conjunto de sinais, corno se cada um devesse receber uma significação precisa; mas Picasso se contentará sempre em dizer que o cavalo é um cavalo, o touro é um touro, e que a força e a riqueza dos símbolos é que se pode interpretá-los amplamente. Alguns, no momento, gostariam de urna mensagem mais realista, de um engajamento mais claro. Criticam em *Guernica* seu estetismo, seu formalismo, mas todos os que compreendem um pouco a arte moderna, sabendo que não lhe cabe colar-se a urna informação, muito menos fazer-se instrumento de propaganda, percebem que Picasso produziu a mais formidável pintura de história que se podia então esperar. Assim essa obra-prima, surgida trinta anos depois de *Les Femmes d'Alger*, é imediatamente considerada como o ícone da luta contra o fascismo. Durante muito tempo exposta em Nova York, *Guernica* foi restituída à Espanha em 1981. Hoje pode ser vista no Museo de la Reina Sofia, em Madri."

PLAZY, Gilles. *Picasso*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre, L&PM, 2007, págs. 132-135.

¹Jean-Louis Ferrier. De Picasso à *Guernica*. Hachette-Littérature, Pluriel, 1998.